

A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO



892
57

REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 11 DE MAIO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 28

EXPEDIENTE

Anno. 6000

São nossos correspondentes :
Em Barbacena, o Sr. T. Lino
Marques da S. Pereira.
Em S. João d'El-Rei, o Sr. T. Francisco de Paula Pinheiro.
No Recife, o Sr. Dr. Rocha Lima.

Rio 11 de Maio de 1887.

CHRONICA POLITICA

Eis-nos, pois, na estação parlamentar. Ela iniciou-se na data constitucional prescrita e com todas as formalidades do rito, excepto a coroa, o sceptro, os papos de lúciano, os calções medievais e outros adornos do festival, ausentes pela ausência do augusto portador d'elles, ainda pela enfermidade impedido.

No estreito recinto do antigo palacete do conde d'Arcos, a falta da magestade foi de todas a mais sensível exceção. Tanto que a maioria dos pais da Pátria, promptos para os trabalhos legislativos, não se resolveram a assistir a essa sessão magna, despida do mais forte e irresistível atrativo, do ornato mais sedutor e do mais appetitivel condimento. Preferiram ficar em suas casas ou em outro sítio mais aprazível, de certo cogitando em seu estremecido patriotismo nos meios de encaminhar rapidamente o príz aos seus grandes destinos e o povo à suprema felicidade!

Magnanimos esses representantes da nação ! Typos que os outros povos tanto procuram e não encontram lá em suas terras !

A despeito da imponencia do sr. ministro do império, metido no seu fardão lúzido, com magestoso ar fazendo de magestade, a ler a imperial *falla* com a sua voz resonante contradistando com a voz de ancião do imperador, o grande acto da comedia constitucional ressentiu-se de todos esses claros abertos pelo principal e pelos secundarios actores.

Correu frio e insípido como um dia de inverno. O sol estava de cama.

Muita cousa contém a falla do throno. Ela encheu-nos de esperanças.

Isto principalmente porque sua magestade está certo de que os augustos e dignissimos representantes do paiz continuarião a corresponder aos votos e confiança que a nação deposita no zelo e patriotismo d'elles.

Ignora-se como sua magestade e seu governo puderam conhecer e medir tal deposito de votos e confiança da nação e assegurar-nos a sua existencia. Sua magestade deve ter lá o seu processo.

Imaginayamos ser a afirmativa da *falla* uma das muitas e repetidas mentiras officiaes proprias do sistema monárquico que entre nós vigora; uma d'essas chapas declamatorias por demais sedicais e cujo uso é já offensivo do decoro publico.

Mas, reflectimos depois que ninguém possue o dom de ver e conhecer como o imperador; ninguém é sabio e vidente como elle; o que ninguém descobre, sua magestade encherá.

Sua magestade tem certeza de que os srs. representantes *continuarão a corresponder* aos votos e confiança da nação.

Sem duvida! Elles *continuarão a corresponder* certamente como têm correspondido até aqui. Ha alguém que o conteste? Não ha!

Atten' o a rol das medidas apontadas pela *fulla* e maximé ao estímulo dirigido aos srs. representantes, verá o povo como a nação vai progredir vertiginosamente, emparelhando senão vencendo em pouco as nações mais civilizadas e progressivas do mundo.

A junta do couce, divisa do partido conservador, vai ser retirado do carro do estado, e este irá por ahi além sem medo de precipitarse, porque as mãos firmes e adextradas do Sr. Cotelipe não são as de nenhum *Phœtonete*.

Convénca-se o povo de que vão conduzir a patria pelo largo caminho da civilização. A primeira prova nol-a deu a cámara dos deputados no dia 5. Não foi julgado objecto de deliberação, por uma maioria de 8 votos, o projecto do sr. Afonso Celso Junior declarando abolida a escravidão. Pois que! Pode-se lá compreender e operar no regimen monárquico e no domínio de partidos conservadores, progresso e civilização sem escravos? Só vencidos pela força da propaganda abolicionista, aos olhos d'estes srs. prejudicial e retrograda, se resignarão elles a viver sem os negrinhos e sem gozar sempre do trabalho alheio sem remuneração.

Demais, a falla do throno não trata mais da extinção do elemento servil. Logo, do que a falla não se occupa, muito menos o devem fazer, como bons patriotas que são, os senhores representantes. O que havia de fazer, está feito.

A falla refere-se apenas à ultima matrícula de escravos. Não se podia ainda saber ao certo quantos existem, mas são muito menos do que se calculava, graças às medidas legislativas que tem sido lealmente executadas e aos sentimentos humanitários dos brasileiros.

E o que diz a falla.

A principio julgámos não ser este periodo senão uma mentira mais, muitas vezes repetida das muitas com que se avesou o governo imperial a illudir o povo e a historia, mascarando a sua insidiosa, as suas fraudes e traquinias. Parecia-nos mesmo que a insistencia em elle proprio afirmar que as leis sobre emancipação de escravos têm sido lealmente cumpridas, era um abafador da consciencia que lhe diz exactamente o contrario.

Mas... não! Não ha tal.

Este governo do Sr. de Cotelipe, do Sr. Prado e do sr. Belisario, por ser um contumaz escravista, não deixa de ser um santo, um inocente!

Os sentimentos humanitários dos brasileiros!

Mas de que brasileiros trata a *falla*? Dos pretendidos proprietários de homens, ou dos que trabalham para arrancar do captiverio os que n'elle gemem?

Certamente dos primeiros. Quem duvidar, vá ver esses sentimentos humanitários nas fazendas, nos eitos, nas senzalas. D'elles nos

dão attestados diarios a imprensa nos crimes e atrocidades que denuncia commettidos contra escravos.

Dovia-se acreditar que se estes sentimentos humanitários existissem já teriam triumphado da escravidão; a começar pelo governo, representantes da nação, etc.; mas se é a escravidão que triunpha d'elles, segue-se que são ainda muito embryonarios, não obstante as liberdades sem onus e as exclusões da nova matrícula, cujo numero é ainda desconhecido e cujo movel é um sentimento humanitário que muito mystifica a humanidade.

A cerca do casamento civil, nada disse a *falla*. Prova de que o sr. de Cotelipe, como um blasé não se commoveu com a exhumação do projecto do deputado João Mauricio. O Sr. Taunay perdeu o seu latim; o silencio da *falla* equivale a um *não cogito saraivano*.

Em compensação, porém, vamos ter outras muitas reformas. A monarquia quand' quer faz milagre de fecundidade. Se produz monstros em vez de seres perfeitos, a culpa não é d'ella mas de seus *castigadores*.

Saneamento da capital do império, reforma do ensino em seus diversos graus, reforma judiciaria, reforma municipal, como dissemos no numero precedente, do exercito, da armada, da lei de terras, colonização nacional, tudo isso promovido e fabricado com a celeridade de lesma, a verborragia, a cabulagem do nosso parlamento e as vistosas largas, patrióticas, altruistas dos nossos legisladores — vae longe!

A política imperial, atacada de somnambulismo com a doença do imperador, começou de imprimir o movimento proprio à estação parlamentar.

E' certo que o ministerio muito pouco caso faz do parlamento. Ahi se apresentou incompleto como estava e quasi desmantelado pela entrada de dous de seus membros na cámara vitalicia.

Suprema immoralidade é essa do regimen monárquico de prevalecerem-se os ministros de sua posição no governo para fazerem-se senadores.

Mas isto é justamente a beleza do sistema. Se assim não forá, como cresceriam tanta cogumelos políticos? E' preciso que todos subam.

Dizem qua estão indigitados os substitutos dos Srs. Chaves, Prado e Belisario. Serão os novos ministros, deputados que obterão assim bons elementos para se elegerem vitalicios. Basta que os auxilie a morte.

O ministerio é o caminho curto para o senado, o caminho traçado pelo rei.

Que caracteriza hoje o império.

Que exprime, entre nós, a monarquia?

A mystificação e a fraude systematisadas; o cunho mais saliente, em alto relevo, da prostituição dos costumes; o banimento de toda honestidade, compellindo a esses roubos e peculatos audaciosos e sucessivos que ás centenas de contos de réis, surgem como pustulas gangrenosas de um a outro extremo do paiz.

Em synthese — a miseria nacional.

São os fructos de um regimen que escandalisa e affronta a moral e difama o nome de um povo.

Regimen que propagou o jogo em todo o paiz, sublevando com a roleta oficial as paixões immoderadas, a avidez de riquezas sem trabalho. As bancas do Estado são as mesmas dissípadoras do suor do povo.

Regimen que se permite ter na Europa um diplomata gratuito, porque o homem, que é rico, só quer as honras do cargo, não obstante consignar-se annualmente na despesa publica a verba necessaria!

Que concluir d'ahi? — Que se o diplomata não recebe ordenado, não está por isso inhibido de mais tarde reclamar o por si ou por seus herdeiros. E a nação ha de pagal-o.

O mais essencial, isto é, o que revela mais eloquientemente o desmantelo, o desnorteamento em que nos libraramos, é a baixa do fundos publicos.

Havemos de voltar sobre este ponto, detidamente.

Baste, por ora, assignalar o inicio da calamidade que ha de desaprumar sobre o paiz.

As apólices de 1:100\$ baixaram a pouco mais da 900\$!!!

E não paraião n'isso. De monstraremos as causas.

Em face d'essa degringolada do império, já não é para estranhar que um grande roubo acabe de dar-se em Pernambuco, d'esta vez nos cofres das loterias; nem que a questão militar fosse mystificada pelo ministerio e pelo rei.

Boas revelações, entretanto, terão de vir ainda à luz.

Saiba porém, o povo e saibam os militares que o direito, a justiça e a moral não entram mais nos eixos — n'este regime.

E o sistema de governo que reduziu a patria à necropoli da dignidade, do civismo e da honra nacional, e portanto...

— E' preciso matal-o.

DESINTELLIGENCIA (Missverständniss)

O periodico *Immigrant*, acreditado orgão da colonia alema em Curitiba, repete em suas columnas, com data de 20 de Abril, a erronea interpretação dada pelo escriptor do *Diario de Campinas* ás palavras proferidas pelo nosso illustre co-religionario e chefe republicano em seu discurso pronunciado na cidade de Campinas em 3 do mesmo mes.

De sua lavra acrescenta o mencionado periodico que a animosidade dos republicanos contra tudo o que é alemão parece-se como a uma senha transmittida e observado entre elles.

Es scheint uns, als sei Animosität gegen alles Deutsche den Herren Republikanern als Parole ausgegeben...

O que ha a fazer em primeiro lugar é reintegrar o sentido e comprehensão do que expõe o ilustrado conferente, Dr. Ubaldino do Amaral, para depois tirar as illações que o caso permite. Proceder differentemente equivale a construir castellos no ar para ter-se o gosto de derrubar os com um sopro.

Eis as palavras textaes do orador acerca desse ponto debatido:

«Quanto à imigração, os paulistas a estão promovendo com mais criterio do que o tem feito o governo imperial à custa de grande sacrificio pecuniario.

E' para causar apprehensões o modo porque esta se germanizando o sul do imperio, e que dará em resultado, segundo penso, a mais uma conquista da Alemanha em nome da unidade de raça. Quem observar que o governo de Bismarck já não proíbe a imigração para o Brasil, e antes vê com bons olhos formar-se uma poderosa associação, patrocinada por influencias políticas, para a compra de vasta extensão de terras no sul, e estabelecimento de colônias all em sítios servidos por navegação sua, e com direcção na Alemanha, quem saber que já temos municípios onde não se fala o português, nem se conhece os costumes brasileiros; quem se lembrar dos *mukers*, que deram o primeiro aviso do que nos espera para o futuro, não deixará de lamentar a incuria dos governos, e a imprevidencia da palavrosa propaganda que a Sociedade Central de Imigração está fazendo. Na *Gazeta de Notícias* recebida hontem, o insuspeitissimo e muito competente Sr. Sylvio Romero valencia a formação de um estado alemão compreendendo Rio Grande do Sul, Paraná e parte de S. Paulo. Merecem detida reflexão as considerações d'esse illustre escriptor, alias ardente partidário da ciência alemã.

Terceira solução é possível: a independencia da província do Rio Grande enquanto é brasileira.

Em todos os casos, a sabia politica do Rio de Janeiro está preparando a separação do sul.

Parece que a partilha dos despojos nacionaes é que os progressistas chamam conservação da integridade do territorio e da patria grande. Em vão a raça latina e raça aesciana sellaram com seu sangue e fecundaram com seu suor esta terra...

D'essa exposição magistral, concisa, transparente e philosophica de ideias à interpretação malevolas e absolutamente falsa que levam à sua conta, vae grande distância; tão grande que até desaparece o fundamento da questão, para só deixar em evidencia um conselho ou in sinuacão insidiosa, verdadeiro contraste e antithese do pensamento que a originou.

Ainda mais saliente se torna a mystificação premeditada, quando nas acusações lançadas com o fim de outorgar-se ao orador a alcunha de nativista, envolvem-se supostas apprehensões acerca da imigração italiana, a qual o Dr. U. do Amaral declara formalmente ser a que mais lhe sorri pelos seus caracteres e pela afinidade de raça. Eis as suas palavras:

Nunca fui hostil à imigração (*antiga colonização*) de paiz algum civilizado; sou entusiasta da imigração dos países latinos, e tenho especial predilecção pela italiana, que os paulistas com muito bom senso estão chamindo para a província.

Em outra conferencia, feita anteriormente, também tachygraphada e impressa, dizia o mesmo ilustrado orador, com referencia a este topico o seguinte:

«Em um livro recente diz o eloquente pregador Didon, que as nações à semelhança dos individuos têm deveres, porque se ha consciencia individual, também ha consciencia nacional; que em certas horas os deveres são urgentes: cumpril-os é para os povos questão de vida ou de morte. E acrescentava que se a sua violação produz desastres de que se desperta ao estrondo do raio, peior é a ignorância que causa as mesmas ruínas, fazendo que as nações pereçam sem que tenham dado um grito: que morram, e que não saibam por quê.

Em um rapido lance d'olhos sobre a Europa, mostra o illustre frade que ás nações não é dado viver sem que tenham uma alma que se chama PATRIOTISMO, e um ideal a conquistar.

Assim como a grande república do Norte preenche a sua missão povoando solidões, servindo de refúgio a todos os naufragos das velhas civilizações, assim como é seu destino ser o abrigo de todos os perseguidos em nome da liberdade, abrir os braços a quantos a procuram foragidos diante do fanatismo político; assim como essa aguia das nações estende as suas asas de preferencia sobre as raças germanicas e anglo-saxonia, também nós temos na America do Sul um grande futuro a preencher.

Ao Brasil compete povoar e colonizar o seu immenso solo, acolher todos os expatriados, principalmente os da raça latina, que ainda não encheu seus destinos na historia. Quando os privilegios e o militarismo que na Europa tem produzido o pauperismo, o proletariado e tantas outras misérias, atirarem populações inteiras para as plagas do novo mundo, é preciso que não vejamos os que procuram uma nova pátria passarem pelos nossos portos para irem achar-a em terras menos ferteis, menos ricas, menos opulentas, mas nas quais, como disse Darwin, não terão a desdita de encontrar a escravidão! E' necessário também arredar os obstáculos que nascem do nosso atrasado mechanismo político e administrativo, tão odioso e prejudicial a nós como ao emigrante é preciso que fundemos a república federativa (*apoiadão*).

Podia-se antecipar mais cabal desmentido aos argumentos em tão má hora suscitados?

Pelas breves citações acima feitas, cremos ter suficientemente impugnada a erronea informaçāo que o *Immigrant*, um pouco precipitadamente, transmittiu a seus leitores.

Essa opinião talvez seja adrede provocada por que a tenha interesse em que circule.

Comprehenderá sem dúvida a illustrada redacção do *Immigrant* que a elucidacão dada pelo Dr. U. do A. a esta these obedece a uma orientação de principios políticos de esphera elevada e que não pode atender exclusivamente à seleccão de raças nem a traços accessórios.

O que sobretudo importa a nós, brasileiros, é promover a actividade nacional, a prosperidade comum, evitando ao mesmo tempo antagonismos dissolventes, o aniquilamento ou absorção dos elementos que nos esforçamos de favorecer.

Como republicanos, interessamo-nos em que desapareça o favoritismo, a condensação de privilégios sob qualquer ponto de vista que se exerçam, e ainda mais quanto elles tem por alvo a formação de grupos que venham talvez a constituir-se a ante-mural mais temível à disseminação e consequente adopção das doutrinas que abraçamos.

A MONARCHIA NO BRASIL

O notável publicista Silvestre Pinheiro Ferreira, que foi ministro de dom João VI, e não pôde fazer carreira no Brasil porque incorreu no desagrado de Pedro I, escreveu em 1841 ao actual imperador uma carta digna de leitura e reflexão.

Depois de algumas generalidades, recorda Silvestre Pinheiro a independencia dos Estados Unidos, e louva a sabedoria dos patriotas que fundaram a república adoptando a forma federal, unica que podia conciliar os interesses de cada territorio com a prosperidade de todos.

Deplora a anarchia das repúblicas hispanolas que, não apreciando as vantagens ou antes não percebendo a urgencia de uma união federal, deixaram-se arrastar pela falsa idéa que cada uma d'ellas concebeu da sua nacionalidade, como se os Estados Unidos da America Septentrional não fossem uma nação, e mesmo uma das primeiras nações do universo.

Lamenta que os conselheiros da coroa brasileira, considerando o principio monarchico

incompativel com a união federal, tivessem adoptado o sistema da exagerada centralização, que tem sido funesto em paizes de população compacta como a França, e muito mais funesto e fatal ha de ser no Brasil, cuja escassa população está espalhada por uma imensa extensão de territorio.

Pondera que os patriarchas americanos não recebendo o labio de destruidores da unidade da pátria, mostraram a superioridade da sua intelligencia preferindo uma unidade real de efectiva federação de estados à unidade ficticia de uma centralização impossivel de provincias.

Considera o Brasil dividido naturalmente em cinco estados:

— Pará e Maranhão

— Pernambuco

— Bahia

— S. Pedro e S. Paulo

— Rio de Janeiro, Minas Geras e Espírito Santo.

Estas ultimas províncias deveriam constituir um estado central, sede do imperio federal, sob o governo do sr. d. Pedro 2º, que continuaria a ser imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil.

Os outros quatro estados seriam governados pelas princesas irmãs do imperador.

As províncias não mencionadas se dividiriam entre os cinco estados conforme pudessem o bem geral e os interesses dos povos.

Encarecia Silvestre Pinheiro as vantagens que resultariam das alianças entre as cinco dinastias e as casas reinantes da Europa, que favoreceriam a imigração.

Afirmava sem rodeios que o aumento da produção material observado depois da independencia não era devido a progresso nas sciencias, nas artes ou na industria, nem provinha de boa administração, boa política, ou bons costumes. A apparente prosperidade agricola reposava sobre o espantoso aumento da importação de braços africanos por escandaloso contrabando.

Não teve resposta o escriptor portuguez.

A carta do Sr. Pinheiro e o silencio do imperador completam-se, e encerram uma lição politica.

O notável publicista, denunciando a centralização como o mais funesto dos males que arruinam paiz tão vasto e despovoado, tocou certeiro na chaga incurável do systema.

Entrevo a diversidade de interesses, de necessidades, de tendencias que cada dia se tem acentuado mais nas tão diferentes regiões do imperio.

Libertando-se a meio das ideias e preconceitos da sua educação, propôz como único remedio, contra a inevitável decadencia nacional a federação, mas federação monarchica.

O imperador calou-se, e leve razão.

Reconheceria talvez que a constituição criando um funcionario inviolável e sagrado, também excluira de responsabilidade a grande massa dos cidadãos, desde que os privou de iniciativa e ação.

Não lhe escaparia que a nação estava substituída por um populacho administrado, sempre à espera de pão e de festas.

Mas aceitar o conselho de Silvestre Pinheiro fôr limitar a autoridade imperial, e diga-se em abono da verdade, sem proveito para a nação.

Que seria do Brasil com cinco dinastias reinantes!

Que viveiros de principes, de cortes, de intrigas e discordias!

Não seriam raras as questões de sucessão; talvez a esta hora o famoso cadete Philippe fosse pretendente, ou herdeiro presumptivo de um dos tronos brasileiros. O conde d'Aquila teria devorado até as pedras de seu estado, e por fim havia de pôr em leilão a coroa. Os outros cunhados da sua magestade teriam arrendado as feitorias, e iriam para Europa

dizer, como o nosso caro pensionista duque de Saxe, que os brasileiros são tão repugnantes como os feijões de que se alimentam. Felizmente não afirma que andemos embriagados pelas ruas...

A confederação de estados monarchicos tem sempre produzido rivalidades e reciproco enfraquecimento, e todas tem acabado por constituir grandes imperios. Exemplo: a Confederação Germanica, convertida no imperio da Alemanha.

O jurisconsulto portuguez apreciou bem os efeitos da unidade politica e administrativa, mas não foi feliz no plano de reforma.

Imagine quem puder a que estado teria chegado este paiz, se governado fora por um imperador e quatro príncipes, influenciadas pelo conde d'Aquila, pelo príncipe de Joinville e outros da casa de Orleans, ou de igual valor. Dar-se-hia até a hypothese de um estado brasileiro vir a tocar por herança ao rei de Portugal.

Ninguem hoje nega os males da centralização, excepto *L'Etoile du Sud*, que chama funesto ao pobre e mutilado Acto Adicional, zomba das províncias dizendo que elas são *quasi soberanas em matéria de impostos*; que são culpadas de não haver estradas nem instrução primária, o que tudo ficaria sanado se a autoridade do Inspector General da Instrução Pública da Corte se estendesse sobre todo o paiz, e o ministerio das obras públicas tivesse à sua disposição um corpo de engenheiros para a construção e conservação das estradas.

Quem não acreditar que um escriptor francês emprega essas doutrinas, repudiadas pelos mais ferrenhos conservadores do Brasil, corra ao n. 113 da referida folha, publicado em 21 de abril ultimo, e lembre-se que o mesmo periodista recentemente quebrava lângas pela escravidão.

A utopia de Silvestre Pinheiro corresponde a do sr. Joaquim Nabuco, traduzida em projecto por esta fôrma, extremamente vaga e elástica: O governo do Brasil é uma monarchia federativa.

«En tudo o que não disser respeito à defesa externa e interna do imperio, à sua representação exterior, à arrecadação dos impostos gerais, e às instituições necessárias para garantir e desenvolver a unidade nacional e proteger efectivamente os direitos constitucionais dos cidadãos brasileiros, os governos provinciais serão completamente independentes do poder central».

Foi assinado o projecto por 38 deputados na hora em que eram despedidos por ordem superior. E não se falou mais n'isso.

O partido liberal vai aparecer na imprensa. Seria opportuno explicar o seu federalismo, se é que os 38 deputados falavam sério.

Como será o tal governo monarchico federal? Um príncipe para cada província, e o imperador fazendo de sol do systema? Confederação de estados monarchicos? Federação democrática, elegendo as províncias os seus presidentes, tendo representação igual no senado, dispondo das suas rendas, nomeando juizes, legislando sobre instrução em todos os graus, pondo e dispondo sobre estradas, navegação fluvial, etc.?

A que ficaria reduzida a realeza, e quanto duraria?

A nosso ver só ha dous sistemas:

— O do imperador, que é a centralização monarchica, em que a realeza suplanta a democracia; — O da Repub'lica Federativa, que só deixa ao poder central o que é strictamente necessário aos interesses communs, e restitue ao individuo, ao municipio e à província o que lhe pertence.

Produziu o primeiro os seus frutos, suffocando toda a vitalidade nádional.

Faz o segundo a felicidade da Suíça, a grandeza dos Estados Unidos, o progresso da Republica Argentina.

A CESAR O QUE E' DE CESAR

Não é a primeira vez que o *Jornal do Commercio* leva uma descalçadeira de se lhe tirar o chapeu.

Já em tempos remotos a *Gazeta de Notícias* teve sua pega com elle; a *Gazeta da Tarde*, que foi por aquelle tratada de moleque na pessoa do seu principal redactor, vergastou-o a seu turno; os outros jornais se o não tem feito, explica-se pela razão que não vivem por conta propria mas a salario de quem tudo põe.

Indigna-se a consciencia de todo homem quando ao presenciar a maneira infame e ultrajante por que aquella empresa adultera os altos fins da imprensa.

Ja se repetiu inumeras vezes que o *Jornal do Commercio* é a sentina da sociedade brasileira e o mal que produziu o seu exemplo vêm de todos ao contemplar a q̄o misero estado desse a moralidade, a politica, a sensibilidade de um povo, quando em vez de encontrar incentivo nos caracteres mais salientes e nos sacerdotes do mais nobre apostolado, só descobre fezes, pustulas, torpezas.

O *Paiz*, usando d'aquelle mascula linguagem que lhe é caracteristica, autopsiou esse grande criminoso social, desfibrando-o em todos os meandros, descorlinando-lhos os mais intimos recessos, trazendo à superficie toda a sanie que empesta-lhe o corpo.

Notem que a nobreza extrema do escriptor levou-o não a aguçar o publico contra o cynico perversor, nem a insultar n'aquelle uma justa animosidade pelos desacatos à moral e o vilipendio das leis mais communs de respeito reciproco, quando não do dever de journalista.

O seu fim e objectivo limitou-se a justificar-nos de uma mancha por demais affrontosa, biographando em traços vivos, magistras e verdadeiros o torpe promotor de todas as vilezas e chegando à conclusão que o desnaturalamento da imprensa fluminense origina-se d'elle, tem n'elle o mais profundo continuador que o cultiva com seu maximo gaudio e proveito, na ausencia de vinculos respeitaveis que o prendam a patria, que renegou, nem as homens, que calunia; d'onde resulta no calamidade da existencia do *testa de ferro*, producto da protetividade de um estrangiro que o impoz aos costumes nacionaes e deu-lhe foros de cidade prevalecendo-si de um poder ou influencia erguida a expensas dos elementos em evolução.

Pouco ou nada teriamos a acrescentar a tão lucida exposição, a não ser o desejos de applaudir a um esforço nobremente iniciado de collocar as cousas em seus eixos e de sincerarnos de um culpado que tardava-nos varrer de nossa testada, destruindo assim uma accusação constante que levantau os que ignoram a seriação dos factos sociologicos.

Uma unica observação ajoutaremos ainda, tomando assim parte n'um combate em que que teriam armas contendores titanicos.

As peripecias d'essa luta, o seu desenlace e as suas consequencias deviam vivamente interessa a todos os collegas da imprensa que tem n'issos empenhados o seu credito, os titulos com que se apresentam ao publico, o carácter e o destino que lhes está reservado.

Derrotado o esforçado paladino das patrias liberdades, o Daniel das nossas fileiras ante quem todos se descobrem em attitud reverente: o que nos espera, qual a sorte irremediavel de cada um de nós outros, colhido em separado e desguarnecido dos invejaveis predicatoris que exornam e consubstanciam aquella poderosa individualidade?

O instinto da propria conservação chama-nos a postos; conservar-nos n'uma expectação apathica, equivale a lavrar a sentença do proprio anniquilamento.

O nosso heroico propagador não carece de auxilio, não pede reforço, pois sobra-lhe brio,

força, capacidade para esmagar o colosso a quem lançou o repto.

Só um *Diario de Notícias et concomitante* cabe atirar chufas e destos em conjuntura tão solene e melindrosa.

O nosso dever é applaudir e exultar por mais uma conquista alcançada no prelio pacifico e incruento d'is idéas.

DECLARAÇÃO POLITICA dos REPUBLICANOS DO 10º DISTRITO

Está consummada a convicção!

De dia para dia mais se accentua o descalabro, que rasga as entranhas da patria por força de entorpecimento moral, que solapa a energia e o civismo dos nossos homens de Estado, a quem cabe velar pelo progresso nacional!

A corrupção que maneja o «poder pessoal» já invadiu as instituições; agora inutilisa os homens.

E os pretensos delegados do povo se convertem em instrumentos ignobres de uma unica vontade soberana, vontade que tudo vence, porque tudo pôde, acostada á «lei fundamental», a essa «carta constitucional», que, por escarnejo, se diz «Constituição», ninho de ferro em que se aquece e se nutre a hydra do despótismo, embora maniosamente desfigurado sob o manto estrellado de fallazes e tentadoras liberdades!

«Latet anguis in herbis?

O despota é manso, é força dizer-l-o, porque sabe corromper, e o esphacelamento moral obra sem ruido, sem o estrepito dos grandes golpes reatores.

Mas o exito do mal é sempre e sempre o mesmo e com vantagem da suavidade que não irrita.

E a pat ia estaciona, definha retrograda e tomba; mau grado os valentes protestos que, de quando em quando, brotam de rorejantes labios ainda nacarinos que a taça das honras palacianas não conseguiu tisuar.

Ao lado de muitas consciencias covardes, algumas se alteram zimbando a morbida bajulação de tão numerosos vassallos da soberania fatal!

Mas estas luces são bem tenues para não empalidecer no scio de tanta escuridão!

A monarquia é o governo das horas.

Estão os aulicos no seu papel. Os partidos militantes—o liberal e o conservador—se degladiam; distantes do pugilato das idéas, mas atirados no amphitheatro do pessoalismo, e os representantes desses partidos monarchicos, de parte honrosas exceções, uma vez constituidos, só visam hostilizar-se em proveito proprio, de olhos fitos no poder que deslumbrante os fascina.

Uns e outros esquecem-se dos interesses nacionaes, que postergam, trahindo sempre e sempre os compromissos sellados pela honra ante o povo, que sofre e que por habito já não clama.

Sucedem se os governos.

Com elles pomposos programmas. Mas exhibem todos, Gregos e Troyanos, as mesmas provas de seu interesse negativo por tudo quanto concerne ao bem de todos ou do maior numero. E a soberania do povo brasileiro tem sido uma mentira. A sua autonomia, uma illusão. Elle, sim. E' o martyr, o escravo que não cança; maltrapilhos que ha seculos trabalham para seus senhores, que mal lhes dão em troca os andrajos de miseraveis compensações.

Ha para nós progresso moral ou material? Não; para nós a monarchia só faz escravidão.

Os problemas que conduzem á li-

berdade são pospostos, esquecidos se não de vez eliminados pelo absolutismo do rei.

Quantas portasse fecham ás nossas liberdades, ao nosso progredir?

A liberdade de cultos, a grande naturalisacão, a descentralisacão dos poderes, a generalisacão do suffragio, a subordinacão do poder executivo, a independencia e effectiva responsabilidade do poder judiciario, a revista geral da legislacão de accordo com os principios modernos, a liberdade de industria e seu desenvolvimento, a liberdade regular de imprensa e representação, a obrigatoriedade do ensino primario, a liberdade do secundario, e a sua diffusão, a promocão, criação, e aproveitamento da riqueza nacional, a suavisação de impostos e energica fiscalisacão da economia publica e alargamento da populacão, a adaptacão e regularisacão económica do trabalho, o melhoramento das organizações publicas e outros tantos problemas que affectam a desenvolucão do paiz, têm sido até então descurados, lancados aos marneis da decomposição.

Cada descuido industrioso desses programmas, importa uma cadeia.

São escassos os trabalhadores do progresso, e esses mesmos têm caído na arena victimas dos seus tentacions; cobertos de apôdos dos imperialistas retrogrados que ainda criminalmente os insultam, esquecendo-se de que a historia não tem destos e que célo ou tarde lhes fará também justica.

E' força portanto, uma reacção séria contra a inercia, o torpor que veste a lamentavel governamentação actual.

Cumpre, portanto, doutrinar o povo na cartilha do esforço, da nobreza e da independencia, ensinar ao cidadão que já é chegado o tempo de alçar a fronte abatida, que cora de vergonha, hasteando a bandeira da resistencia contra as forças gastos e caçadas dos corruptores e corrompidos, que machinam e apparelam o prolapso da nação brasileira nas escarpas do atraço e do servilismo.

E, pois:

CONSIDERANDO, que todo esse coraje de males e imprevidencia inherem á forma de governo entorpecedor que nos rege;

CONSIDERANDO, que por ser monarchico enfeixa nas molas de um só homem todos os poderes politicos artificialmente escravizados; investe um dictador para viciar as deliberações dos delegados do povo, os quais impendem de seu «veto» ou «sancção»; para fraquejar a sua intervención na organisação judiciaria e execucão penal; para cavalgar o poder executivo, sobre que exerce accão directa e immediata pela investidura de chefe de tudo isso por força da capciosa carta de Pedro I;

CONSIDERANDO, que por ser hereditario assenta a irresponsabilidade perpetua para os erros e abusos do tyrauno; facilita a possibilidade do governo da nação por incapazes que estuem da dynastia transmette o governo da nação, mau grado della como se propriedade translaticia fôra;

CONSIDERANDO, que sua denominacão de «representativo» não passa de mera e revoltante ficção, visto como a practica tem dolorosamente mostrado ser tal caracter incompativel com o governo pessoal, que o absorve na lucta real, que abre contra-harmonia apparente que se lhes pretende injectar, pondo-se em jogo a deturpação dos caracteres, amordaçando-se o elemento democratico por suggestões, honrarias, ameaças e outros mil arietes com que cabalmente se destroem a representacão nacional.

(Continua)

SEÇÃO LITTERARIA

FRADES SEM CABEÇA

O solo pernambucano já não era, felizmente, calcado pelos algozes que o ensoparam de sangue dos republicanos de 1817.

Desempenhada a contento regio a missão de exterminar estes rebeldes, retiraram-se os dois enviados d'el-rei D. João VI, os famigerados representantes de seu poder e de sua justica.

Aos seus lares tinham já em liberdade volvido da Bahia os infelizes que alli jazem longo tempo nas prisões. Escapram ao morticínio pelo affrouxamento que a revolução de 1820 em Portugal operara no regimen despotico do tempo.

Dispersa, mutilada e reduzida á miseria pela furia da repressão realista, começava a familia da província de respirar e reconstituir-se.

Restava apenas uma sombria recordação da Alçada de Bernardo Teixeira e suas implacavel devassas, de Luiz do Rego, de seu exerrito, de suas commissões militares, de suas perseguições e supplicios, oppressões essas a que puzeram termo a capitulação de Beberibe.

Era então pelo Natal de 1821. Governava a província a Junta Provisoria paesida por Gervasio Pires Ferreira.

A confiança renascia a despeito e mesmo pelo facto da agitação politica da alma popular que alli e em todo o paiz se manifestava. Eram os symptomas da revolução que se elaborava e devia trazer em seu seio a proxima proclamação da independencia do Brasil.

Aos Afogados, povoação suburbana do Recife, havia chegado por essa época uma familia da cidade: uma senhora viuda e cinco filhos. Instalou-se esta familia um pouco além do povoado, em uma chacara que era um verdadeiro Eden pela beleza e pela opulencia e variedade de flores, plantas e arvores fructiferas. Este paraíso recebia as suas vindades.

A viuda, uma sympathica e respeitável senhora, não a tingira ainda aos quarenta annos de seus filhos, tres eram raparigas de 15 a 20 annos; os dois ultimos eram os mais novos. A segunda das filhas e a mais bonita, era um tipo de formosura: esbelta, forte, gentil meiga. Os olhos grandes, negros; limpados, ornados de cílios longos e abundantes, tinham as scintillações das estrelas. Os cabellos bastos igualmente pretos e compridos, a fronte larga, a boca e o nariz pequenos, o rosto oval, a tez levemente morena e rosada; todo este conjunto imprimia-lhe um encanto, uma graça infinita.

Devia ter dezoito annos e chamava-se Angelica.

Astrelas irmãs começaram a ser conhecidas no lugar pelas tres graças, e Angelica—pela mais bella das graças. A este titulo dava-lhe direito ainda o seu temperamento jovial. Das tres, era a que menos apparecia; quando porém se mostrava era ver-se surgir a aurora. Notava-se contudo que, como a luz do sol, sucediam sombras áquella resplandecencia. Havia certamente horas ou dias de tristeza que anuniava-lhe a natural alegria.

Não pernoitou a familia o primeiro dia no povoado sem ser prevenida de que a deshoras costumavam alli de apparecer vultos misteriosos, atterradores. Mais de uma pessoa dizia que tales apparicoes eram lobishomens; outras afirmavam que havia entre elles um frade, mas, sem cabeça; que quem se animava a ir ao seu encontro nunca conseguia aproximar-se-lhe, pois sumia-se subtilmente como uma sombra; que outras vezes atravessava, montado em una mula, mais velozmente que Apollo sobre o Pégaso.

São almas penadas, cheias de remorsos; informavam outros; sem duvida procuram

algum a quem constem alguma missão secreta para desencargo de consciência.

— Posso garantir-lhe, acrescentava uma solteirona já quinquagenaria, que entre as pobres almas penadas há mais de um frade sem cabeça.

— Mas, será frade ou padre?

— Ora, padre ou frade! Sei lá!... Os que por minha desgraça vi e lagarellavam como jandais, tinham hábitos como os frades.

Induzia estes habitantes a acreditarem nisso, o facto de terem sido immolados no patíbulo varios sacerdotes que figuraram na revolução de 1817 e a tornaram por isso mais notável. O Padre João Ribeiro suicidou-se, mas os legalistas arrancaram o cadáver à sepultura e tripuíram sobre elle; o padre Pedro Tenorio foi enforcado, o cadáver decapitado e arrastado à cauda de um cavalo pelas ruas do Recife; o Padre Antonio Pereira, da Parahyba, foi também enforcado, e decapitado o seu cadáver. Outros eclesiásticos houve fuzilados na Bahia, taes como os Padre Roma e Miguelinho.

Os seculares insurretos sacrificados na força eram todos conhecidos; seus cadáveres foram também decapitados e alguns tinham parentes na povoação. De uns ou de outros, ponderavam, é bem possível que alguns haja precisando, para a paz de suas almas, dos suffragios dos viventes.

Outra opinião. Entre muito heroísmo e muitas abnegações via-se no movimento de 17, muita fraqueza, muita cobardia. Mal a revolução cahia, serpeava esqualido e apressado o monstro da delação. Quem sabe se algumas das vítimas dos traidores ou dos cobardes não têm segredos importantes a revelar, não procuram um amigo ou um membro da família, como o finado rei de Dinamarca a seu filho Hamlet?

No tempo das águas turvas, muitos se aproveitam d'ellas para as suas perfídias e vilanias. E' o que aconteceu em 17.

A maioria dos moradores, porém, nenhuma atenção prestavam a essas narrações; nem lhes dava maior crédito nem se assustava muito com elas a viuva D. Anna de Castro. Limitava-se elia a recolher-se cedo e a fechar bem as suas portas, precaução em todo o caso prudente.

Não deixava contudo, quando convidada, de assistir com suas filhas, às reuniões de famílias ou aos divertimentos populares usados nessa estação. Taes divertimentos consistiam nos presépios, em que contam e dansam raparigas vestidas a pastora em louvor do menino Jesus, e nas festas de reis, nas quais dansam e cantam foliões fantasiados, terminando sempre pela exibição da zabelinha come pão, especie de cavalo izabel ou cavallinho fuso dansante, e do bumba meu boi.

Passaram-sedois meses. A família Castro nada tinha a contar ainda acerca de almas do outro mundo; nada lhe perturbava a doce existencia. As tristezas apparentes e accidentaes de Angelica eram rápidas eclipses que não penetravam o vulgo.

Entretanto continuavam sempre os rumores de excursões nocturnas de corpos decapitados pelas ruas, praças, jardins, quintais e montes. Viam-nos, ora isoladamente, ora em grupos, dando gritos, gemidos, uivos, ou murmurando ciosamente como leques de palmeiras, agitadas pelos ventos ou vibrando azas como um bando de gaviões.

— Já não posso mais ouvir gemidos à minha porta, Sr. E' todas as noites, uma perseguição mesmo.

Assim queixava-sa a viuva um velho alferes miliciano, muito realista.

— Ha de ser a alma de algum damnado republicano justicado que quer agora vingar-se de mim. Uma noite espiei pela fresta da janela e vi o bicho. Ia dar-lhe um tiro, mas quando apontei-lhe o bacamarte, esvai-se sem eu ver como! Nunca ful amigo de resas, S. D. Anna, mas agora sou obrigado a resar.

Por fim a propria viuva Castro foi cons-

trangida a confessar que há duas noites vinham interromper-lhe o sono vozes sepulchrais em redor de sua casa, bradando lhe:

— D. Anna, ouça!

— D. Anna, escute!

Realmente tem-lhe isto causado assombro. Estava resolvida a retirar-se para a cidade quanto antes.

Em uma das noites seguintes foi ella acordada bruscamente por uma voz sumida, arrastada, dolorosa que lhe dizia: — D. Anna, D. Anna, ouça, não se aterre. D. Anna, D. Anna escute. Não conhece a minha voz?

A viuva a ouvia bem perto de si como se lhe fallasse ao ouvido.

— Quem me chama? Perguntou, assustada, fria, tremula. Se vens de parte de Deus, falla.

Se é enviado de Satanaz, vai-te Eu te esconjuro em nome de Christo e da sua Santissima cruz. Se é Belzelbuth, acrescentou ella com força, fazendo cruz com os indicadores, eu te esconjuro!

— Não! Não!... Sou enviado de Deus. Ouça-me. D. Anna, sem medo, reconheça a minha voz. Sou eu, a alma de Antonio Henrique, o antigo amigo de sua casa; trago-lhe mensagem da alma de seu marido, capitão Pedro do Castro. Ella não pode gozar da paz no mundo dos espíritos, nem sahir do reino das trevas onde se acha, onde sofre inimagineas torturas.

E-lhe vedada a luz resplandecente do reino celestial. Para que cesse o seu tormento, para que entre no goso da paz e no seio da luz, é preciso reparar o mal enorme por ella commetido na vida terreal. Pôde e deve reparar-o D. Anna, isso lhe supplica a alma de seu marido e isso é agradável a Deus. Attenda. Seu marido foi duro e injusto para com o sua boa e resignada filha Angelica e para com o noivo que ella escolheu. Tudo elle fez cavilhosamente para frustrar-lhes o casamento, para separal-os. Nem a hora, morta se abrandou; nem à hora de transpor este mundo de pecado esqueceu seu odio contra o pobre rapiz, e o impôz ainda à Sra. e à filha! Obstinação horrível! Feissimo pecado! A alma de seu marido está arrependida de sua iniquidade e quer reparar o mal. Ella revoga a ultima vontade e pede-lhe de casar sua filha Angelica com o João de Barros. Deus permitto que eu pudesse receber esta mensageira. D. Anna, salve a alma de seu marido!

E a voz calou-se e D. Anna sentiu sobre seu rosto uma fria impressão de leves jactos d'ar como que impelidos brandamente por um leque. Ella cobriu-se rapidamente até a cabeça com a colcha; suores frios lhe gotjavam de todo o corpo e não conseguiu mais adormecer senão depois de fatigada pela insomniá.

Com grande admiração de suas filhas, estas a encontraram dormindo profunda mente pela manhã, quando já o sol illuminava toda a terra.

(Continua).

A primeira entrevista

Ella não tarda. Disse-me que vinha:
Mas quem sabe! Se acaso acontecesse
Qualquer cosa imprevista e não viesse!
Oh Deus do céu que situação a minha!
E este relógio vil que não caminha!
E o tempo! — uma hora apenas e parece
Noite fechada já! Ah! se chovesse!...
Mas, não: alguém tocou a campanhia.
Alguém subiu vejoz a minha escada:
Ouço um rumor de seda machucada
E uns miudinhos, uns nervosos passos...
Duvido ainda! Espírito delirante:
Abro a tremor — e toda palpitar
Ela cahe a sorrir entre os meus braços.
(Do Diário do Povo).

NOTAS

CREAÇÃO DE UM LYCEU

Sob impulso da proposta que há tempo fez a loja maçônica *Ganganelli do Rio*, iniciou-se e está prestes a ser sancionado o projecto da criação de um Lyceu onde a mocidade possa instruir-se não só nos cursos primários de estudos bem como nos secundários e superiores. Já fizemos presentes as grandes vantagens que deverão derivar da instituição que vae-se fundar, e a nenhuma outra corporação calha auspiciar tão nobre tentamen, do que à maçonica a cuja dilatada acção se devem todos os merecimentos morais que são uma realidade e uma conquista de nossa sociedade hodierna sobre a antiga.

Nem por deixar de apregoar os seus actos com ostentação e apparato, influe menos a maçonaria sobre os espíritos. Trabalhando activamente, velada pelo silêncio e a modestia, ella consegue por ultimo converter os mais rebeldes e derrocár quaisquer obstáculos, representados pelos restos de fanatismo e as traças da ignorância.

Algura-se-nos, pois, que novos horizontes amplos e dourados se descontinham para o gremio maçônico, que actuará d'um modo decisivo e salutar sobre o futuro da sociedade implantando em seu seio a benéfica e fecunda instituição a que alludimos.

Honra à maçonaria.

X

ANNIVERSARIO. — A *Democracia* suada e felicita com abundâncias de zoração ao illustre imperterritório chefe republicano Joaquim Saldanha Marinho, pelo seu feliz anniversario natalicio ocorrido a 4 d'este mez.

Estreita-o em fraternal amplexo, desejando ardente mente que aos 71, outros muitos e auspiciosos anniversarios lhe succedam.

X

O CARMENSE. — Recebemos o 1.º numero d'esta publicação. Respira honestidade e fins pacíficos. Não teria destoado da parte do novo collega alguma referencia ás temerosas questões que se agitam, para assim firmar a sua orientação e a intelligença de seus leitores. Escrito com escripto e moderação, «O Carmense» grangeia desde logo sympathia e interesse.

Agradecemos.

X

A MONARQUIA NO BRASIL. — Honramos hoje as columnas d'este periodico com a publicação do artigo que traz a epígrafe acima. Chamando a attenção do leitor, estamos certo que co-ordará connosco quanto á importância e fundamento que encerra. Nós, congratulamo-nos para com o seu autor.

FRADE SEM CABEÇA. — Outra comp siça, literaria, que vem dar realce a estas colunas, é a que publicamos encimada com este titulo. Além do mérito intrínseco, pela naturalidade, limpidez e graça de um estilo fluente e despretencioso, apresenta o de versar sobre historia patria e ser vasada no mais puro molde democrático. A continuação agrada-nos ainda mais ao leitor, a launçam-nos.

X

MANIFESTO REPUBLICANO. — Por intervenção do nosso collega e representante em Juiz de Fora, o Sr. Eugenio Augusto Pinto, veio-nos as mãos esta importante peça que nos apresentamos em reproduzir, contribuindo assim para que circule repetidamente o conhecimento da nobre atitude assumida por aquele grupo que tão gallardamente soube destacar-se d'entre a massa de espíritos marrons dos d'esta época. Daremos também publicidade ao artigo de apresentação com que o periodico «A Propaganda» encetou a sua cruzada. É notável pela elevação e oportunidade de seus conceitos.

X

APPELADAÇÃO CRIMINAL. — Por crime de injúrias impresas, processou o Sr. Serafim José Alves ao Sr. Joaquim José de Carvalho filho. O público de certo, lembrase dos incidentes d'esta pendenga que assumiu proporções colossais, pois foi tratada nos «pedidos». O Sr. Serafim reuniu os documentos n'un livro ofereceu-nos. Pende a decisão do Tribunal de Relação da Corte e em breve saberemos a ultima palavrás sobre tão debatido ponto. Independente d'isso, vamos folhear o livro, composto de cerca de 200 páginas; pois contém arrasoados lucidíssimos.

Agrdecemos.

X

Como no Ceará, como no Pará, em Sergipe e outras províncias manifestavam-se as mesmas lutas entre os presidentes e os corrilhos políticos, energumeno da situação.

Em quan'to as sanguestinas não cahirem de cheias, esses atritos na familia são inevitáveis.

X

A nobreza e fidalguia do imperio acabam de receber um sucedente reforço.

Sua magestade elevou a essa classe grande numero seu subditos da província de S. Paulo conferindo-lhes títulos de marquezes, condes, barões e commendadores.

E' um symptom característico da actuação de um meio vicioso nas societades organizadas constatado pela historia. Quanto mais crescem as classes privilegiadas em um país mais de cresce a moral e menos se respeita o direito, menos se conhece a justiça; e a liberdade é o arbitrio dos poderosos esmagando tudo que não se lhes pode oppôr.

E causa singular: a nobreza e fidalguia d'esta terra vão aureolar justamente os reprobos do escravismo.

Devido á abundância de composição tipográfica, fogo nos foi transferir a inserção de alguns trabalhos, pelo que pedimos e desculpa aos cavalheiros, que noto-vos viandote o obsequiar-nos.

X

Como tinha previsto «O Paiz», o Sr. Conselheiro Bento Li boa não podia manter-se na presidência do Rio Grande do Sul. As exigências e insaciabilidade dos amigos políticos o puseram em sitio.

ANNUNCIOS

ATELIER

CAÑIZARES

Offerece ao respetável público retratos a óleo, crayon, decorações de templos, vistas de fazendas, etc., etc., tudo com a maior perfeição e a preços razoaveis.

40 RUA DE GONÇALVES DIAS 40

HOTEL LUSITANO

DE

DUTRA & CUNHA

Este estabelecimento recebe directamente os melhores vinhos de todas as qualidades, para mesa e fino. Completo sortimento de cervejas de todas as qualidades, nacionais e estrangeiras, comidas frias à qualquer hora; boa mesa com assecio e promptidão.

21 RUA DE GONÇALVES DIAS 21
RIO DE JANEIRO

PROFESSOR

A quem desejar cultivar o estudo de linguas vivas, como alemão, inglez, francês, etc., ofereço-me no carácter da guia e professor.

Outros ramos de instrução não me são estranhos; assim, incumbo-me de explicar história geographia, bem como de dar a conhecer as diversas escolas philosophicas, sistema de governos, etc.

Encarregue-me também da instrução primária, a começar pelo ensino do alfabeto ou anagnosia da lingua portugueza.

C. Regazoli.

32 RUA GONÇALVES DIAS 32

Collecção de peças de teatro que mais voga tem feito nos teatros da Corte e Províncias, editadas pela livraria Serafim.

83—Rua Sete de Setembro—83

RIO DE JANEIRO

BRAMAS, OPERAS COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO.

Pecas de Arthur Azevedo

Falka, opera burlesca.....	18000
A princesa dos Cajueiros.....	18000
Abel, Helena.....	18000
A filha de Maria Angú.....	18000
A casa límpida de fresco.....	18000
Jerusalém libertada.....	18000
Niniche.....	18000
A joia.....	18000
Gillette de Narbonne, opera comica em 3 actos.....	18000
A flor de Iáz.....	18000
Por um triz, proverbio em 1 acto.....	8500
Amor por annexis.....	8500
Oma vespera de Reis.....	8500

Eduardo Garrido

Bocacio.....	18000
Viagem à lua.....	18000
O jovem Telemaco.....	18000
A Mascote.....	18000
Os sinos de Corneville.....	18000
Sonhos d'oiio, peça fantastica em	